

alforria blues ou

Poemas do Destino do Mar

alforria blues ou

Poemas do Destino do Mar

Júlia de Carvalho Hansen



Poemas do Destino do Mar

neles quero construir uma ânfora e pintar dois círculos na cintura¹

¹ Já os poemas de *alforria blues* levam títulos com palavras, e não números romanos. Têm como subtítulo: porque deve haver um jeito mais fácil de comer romã.

alforria blues ou Poemas do Destino do Mar
Júlia de Carvalho Hansen

Revisão de Marcos Visnadi
Projeto gráfico de Luís Henriques
ISBN: 978-85-66421-03-3

© Júlia de Carvalho Hansen e Edições Chão da Feira
Belo Horizonte, 2013
chaodafeira.com

A epígrafe de Iosif Brodskii é uma tradução de Carlos Leite de “Vertumno”, em *Paisagem com inundação* (Lisboa: Cotovia, 1996).

*Dedicado aos meus amigos
Carolina, Marcos, Flavio,
Bernardo, Daniel, Gustavo,
Cátia, Maria, Priscila;
e ao Gustavo.*

*Quem é capaz de me ver na mão
a linha-vida, qual a duração?
Quem é capaz de me informar
se é linha recta ou se vai encurtar?
Quem é capaz de aconselhar
se não for certa se hei-de cortar?*

António Variações

*Não te surpreendas. A minha especialidade é a metamorfose.
Quem eu olhar adquire imediatamente os meus traços.
Isto pode ser-te útil. Bem vistas as coisas, estás no estrangeiro.*

Iosif Brodskii

Chão de sal grosso, e ouro que se racha.

Ana Cristina Cesar

I

Como não sei onde vamos morrer
por baixo de um lençol branco
só vejo nas minhas unhas um pouco sujas
a limpeza áspera das tuas mãos.

Em outra vida talvez fôssemos nômades
estrelas cadentes
ou o coral que levanta das tuas cartas
os meus pontos-finais de areia
a água revolvida e encruzilhada.

À sombra da figueira brava que sobe pelas tuas costas
cresce um blues furioso, uma flor
a quem alguém chama pelo nome do futuro.

Como um deus judeu
de cem mil nomes em segredo
ou um vazio mais pleno do que turvo
o que ainda não veio
se faz de face

sorri, sugerindo o que mostra
e estende a palma aberta
trouxeste o que me falta?
Todo meu corpo está calmo
olho ao outro como se visitasse um aquário

entre as anêmonas do vir a ser
a vida sem lógica sentimental dos peixes.

As pontas dos meus dedos rangem umas sobre as outras
e só percebo esta denúncia.

II

Meus lábios estão partidos e acho que me apaixonei.

Preciso fazer uma lista das coisas que me importam e dar pra ele.

Abacate com limão ardeu minha boca.

A água do banho estava quente e queimou meus pés.

Nunca ganhei um anel de alguém, ao que parece, ainda estou livre.

E se um dia nosso amor me encher de dúvidas, não saberei como resolvê-las.

III

Espero a hora de dizer: o jeito que te vejo vivo em mim
como um cavalo derrubando as paredes pelas escadarias.

O mar guardado em tuas gavetas.

IV

*Se é ele o portador do grande coração
e sabe abrir o seio como a terra
temei não partam dele as grandes negações*

Ruy Belo

Naquela época eu acordava mais cedo do que eu
porque era a aventura social do mundo.
Ou a campainha. O contador da luz
falando que veio do Castelo
e pede *senhora, posso?, o relógio.*

Já havia um poço onde vivem de mim
as coisas de outros tempos
e agora querem estar a vir
mas se sobem pela aorta
custam a moldar uma boca.

Aberta seguro a porta
a correr um azul fundo
em mim – que escuro –
é a história do tempo
do mundo que tenho.

O cavaleiro a dizer
o relógio avariou-se

entendi errado?
ou disse *justo eu?*, *tão sem espada*
neste país onde avisam
estou tão feliz
que vou abraçar-te
na quarta-feira.

E os pais, os avós, os irmãos, se matam de ternura.
Fazem o melhor que se pode das palavras.
Depois ficam todos bêbados e atravessam enraivecidos.
E as meninas que tapem a cara ao gozar.
E se há crise — como há agora — param de querer
e começam a abandonar.

Naquele tempo em que nos lugares mais inesperados
alguém falava e recomeçava a contar a morte
fosse ela uma paciência do que vem
ou arrastarem-nos para fora da dança
em toda sala um incômodo marinho sela as bocas
alguém não para de descrever a putrefação
a que se entregam velozes os cadáveres
nosso corpo é levado pelos calcanhares.

Meu coração não pode.
Meu coração perde o tecido.
Se conforma, revigora, faz-se linho.
Meu coração vai embora do eu
vou-me embora disso tudo
desligo o som das portas

vou abrir para o ninguém.
Preciso ir. É, meu pai, preciso
ouvir *a função dos vivos é ir sempre
embora contra a morte.*
*Não se degolar a própria goela
a não ser em caso sem espera.*

Só faça na vida as coisas que te deem prazer.
Mas se cortar os punhos for uma delas?
Hora difícil, em que a dúvida penetra nos ciclos.
Por que vivo, se sem ponteiros?

Onde bate o compasso
pela gravidade
do fim
não haverá ilha do suficiente.
Onde o mar amalgama uma película negra
e o horizonte, vendo o barco,
acelera e dispersa, pela frente.
Seria preciso tomar o barco pela ponta dos dedos
como quem faz da sutileza o ponto de ardor do petróleo
e cortá-lo no sem tamanho
navegá-lo como a um pano estendido
já que o mar é o linho
a tesoura, o barco a caminho.
Mas é aqui, aonde venho
por cima com o helicóptero
que bota fogo no mar e incendeia

dedos tão ágeis quando escrevem.
E quando o vapor atingir o continente
a manhã será a primeira.

E inteira. Não hoje que o homem
da luz me acordou. Amanhã.
Amanhã desligo o som das portas.
Vou abrir para o ninguém.
Pois há sempre qualquer abrupto
me gritando do escuro do poço, tudo
puxando pela mão dos pulsos
ajudo alguém tanto entre meus ancestrais
que ainda em mim sobrevive
preso
como um favo
o morto em mim.
Dormimos de mãos dadas
nesta luta, em luto também
vamos juntos de silêncio ao muro
onde o desencanto dos vivos
acelera.

Dispersa, atordoada
me quedo e engano.
Fala o nó dos meus dedos
murro que nunca se dá.
Sondar, sondar
atacar nunca

mas o exército lá
o exército pronto e lúcido
sobre a neve da tolerância
há uma menina escondida
embaixo da mesa
seus ombros
suportam os escombros.
O cotidiano é o soco no tampo.
Este nó é o calendário da sua vida.
Há muito tempo sei
que o que há
de pior em mim
é o mal.

Aparições me querem casa de viver
como quem conta a passagem do mês
para suportar. Insisto.
Não sou a origem
do que se quebrou – de cristal não sou.
A atirar sobre os olhos uma pedra
faço do coração escuta e espera.
Viva em meu seio
se a terra ressentida a raiz velha que traga
me enterrem com ela.
Magma e carbono não me confundem.

Entreguem-me ao sol
vou aprender a ser vencida

há cinzas pelo chão.
Que já é carne de gente
nova pele para edifícios
terra em mim que explode.
O desperdício faz a espécie
não me poupa de olhos
inquirindo por dentro:
não há o que reproduzir.
Perde-se o fruto.

Embora tanta morte a corroer o riso
por vezes tudo se ilumina. Canto.
De cansaço é que não morro.
Trinca o vidro das minhas retinas. E sangro.
Curando os abusos na sorte de quem amo
invento o puro, se avaria o norte. Recomeça.
Talvez se você não desse tanta importância
aos fatos.

V

Ver até passar

a ideia de que não consegues
deixar

a ideia de conseguir uma ideia que leve, enleve
vai nos reduzir o tédio, as vidas minúsculas, as letras maiúsculas,
as escolhas de sermos as ideias de deixarmos os cavalos
com elas, pastando, pastando a identificação

não encontro nesse 3x4 nada que seja meu
só encontro as ideias do que gostaria que fosse eu
e quando digo, melhor sem ideias, melhor sem eu
isto ainda é orgulho, lento
orgulho.

A tracejar todos os horizontes, de todos
de dívidas imaginárias das ideias, comigo de comigo
comigo de com ele, contigo e consigo

consigo finalmente um homem sem ideias e então
ele me sela, ele me revigora ele é meu
vento de viração alazão do azul parti

ção,

meu pigmento
de seda,

VI

Lembro da primeira vez que consegui ler um *outdoor*.
Eu vinha de dentro das árvores.
Eu tinha chegado na cidade
no banco de trás do carro do meu pai.

Até então só sabia ler “abelha”
já tinha entendido
que Saturno tem sete anéis
e que eu nunca iria lá

que se tivesse mãos
para a pedra
para a erva daninha
para o indivisível
seria e sou capaz
de tanta coisa
entre as abstrações e os canteiros.

Não aprendi a separar
a que se mistura no alimento
palavra que se confunde
com tatuagem, decifração e vírus.

Como seria? Sem temer
as conjunções, os travesseiros
desmontados pelo uso

as pernas dos dançarinos de *twist*
o analfabetismo matemático que reveste teus trocos
as noites em que se ouvem os animais.

Deixar pousar
o torvelinho nas mãos
que faça seu ninho
sem quebrar a joia
que te dá o mesmo que te tira.

VII

Sou apenas um cavalo
o mundo não vale o mundo, meu bem
no entanto, é ele quem me leva.

O cavalo (que vive por mim) abre mão
de ter cascos, patas, coices,
mas de correr no sol, não.

E quando alguém sonha e confunde
o amor comigo, comigo o amor
infundido, infundável, é o cavalo.

VIII

O que eu acho que estou querendo agora é tão delicado.
Não sei com quem falar disso.
O que estou querendo é tão delicado.
O delicado problemático. Sem volta.
Entendi que pra chegar tenho que dar outra, outra volta.
Mas não posso, meu corpo bom, trocar de terra mais uma vez.
Vou cair em todas.
Insuficientemente permeável à pele das cidades.
Não reconheço nenhum canto desta sala.
Com quem conversar o descanso?
Metade da vida é faxina. A outra metade?
Regresso do pó. E eu querendo algo
agora tão, tão delicado. De passar o vento.
Ou para sentir
só teria que pousar as mãos no pó
até vê-las brancas, espalmadas como um mar
que se instalasse sobre os móveis
mas um rabo de gato
meu dedo na boca
nervoso.
Estou no raio informe.
Se eu traçar uma circunferência estarei no raio do informe.
Do centro dela apita uma luz que ninguém vê.
Por onde, se mexe: é o que a luz diz.
Aqui também, tudo manda mensagens, significa.
Passou um barco que eu achei bonito.

Ele trazia também duas luzes.
Piscavam querendo dizer numa linguagem que não me comunico.
Mas alguém se comunicaria
com as luzes do barco.
Estou procurando um lugar de mim mesma que seja o campo de mim mesma.
Não preventiva.
Cansei de ser o princípio do cuidado descontrolado.
Estou levando uma maçã pra comer mais tarde.
Tão tranquila cidade.
Passo a mão na água.
Quem dera fazer, dos poemas, sinfonia.
Fina de chiados e sintonizações, quem passasse pudesse ouvir
como gruda o ouvido no rádio, a emancipação
do universo feito de palavra, não encontro. Nem saliva,
só aço. Nem tato, olfato.
Os olhos mesmo, perfurados.
Estou dizendo que só viverei naquele
que se enfraquece de ternura, pena carne.

Galope

Acordo em estado de parede. Sei que enquanto não escrever meus ombros continuarão como os tijolos empilhados. Definitivamente é hora de acordar e meus olhos se desprendem de alegria quando sacudo os pés pra um lado e outro, ainda no colchão os olhos desprendem das órbitas e começam a me olhar. Depois do café, chego na pia da casa de banho e tenho que lavar os dentes. A escova, escova. A pasta quase acabando, da próxima vez Colgate não, Couto. Couto é portuguesa. Tiro todo o açúcar do café depois do pequeno almoço para as cáries não corroerem os meus dentes. Não que eu não tenha amor pelas coisas que vivem. Não que a putrefação não seja uma forma, tão pouco sutil forma, de vida. Não que eu ache que seja capaz de conter o destino das coisas, dos meus dentes, mas definitivamente meus poemas mentais são melhores do que os escritos. O que provocará em quem lê uma vontade de estar por dentro do meu corpo, das minhas órbitas, dos meus pés. Coisa que eu até que gostaria. Por não ter onde ser colocada na minha retirada de dentro para a sua entrada, eu teria, como aquele cavalo que saiu da aldeia, definitivamente, eu teria fugido.

Catástrofe em Paris

Alavancaram mais uma situação crítica como o eixo da situação. Escolheram as derradeiras ilhas para implodir a salvação. As ilhas do destino imaginário. Entre os náufragos, opto por ser o oráculo, escrever nada com nada e ficam me querendo a pele: a permeabilidade visionária. Mas me sinto só num sono tão antigo quanto a escrita chinesa.

(Às vezes preciso anunciar
uma gaivota ao mar
gaivota ao mar!)

Naufregar os parênteses até cambaleando se tornarem canoas
ou teremos fé no que vem assim, inexperimentado?

Agora mais sentimental

Talvez seja a idade, talvez o deserto, talvez o recesso, talvez o rancor? Quem sabe o caminho, quem sabe pro Nilo, quem sabe em viagem, quem vai de regresso?

Quem quer o que planta, quem come o que morre, quem vive o que dá?
Quase o que sei, menos esqueci, mais me criei.

Será amanhã, por que não ontem?, virá o que fui e trará desde o fundo
o musgo a boia o resmungo a corja a vespa e a várzea que é meu coração.

Bom mesmo será me apaixonar e fazer bobagem pra sempre.
Ser do amor, a heroína.

IX

Passo a manhã calculando a provável altura de um *tsunami* que viesse por debaixo do morro, me encontrasse sentada nesta porta de varanda sobre o Tejo.

Não sei, mas já me aconteceu outra vez.

A onda atravessará os homens pela minha face fazendo das raízes turbilhão. Os versos também se fazem assim, procurando o caminho por onde não podem passar.

Você também tem um *canyon* escondido? Sabe como é uma terra que se abre em duas e entre elas voam uns pássaros e nascem coisas

meu rio de sóis,

eu cego o pássaro do rio pra que ele não veja por onde nos leva.

Todo rio tem um pássaro que vive em si e eu o cego sempre.

Eu cego o pássaro de riso pelos teus olhos que se fecham.

Monto no rio, meu pássaro selado e cego, sem remetente.

X

O amor gasta
ilharga, rumo
porque inventa
de novo, amor.
Suor, fruto
rosto nítido
paira um ritmo
na gruta, silêncio.

Mas se o amor gasta
temerosos, teus receios
e se o amor cria o dia
de chegarmos numa praça
em que fumo feito
o amor desfolhe
nicotina amarelando
os batentes das portas
o outono
também pode entrar, amor.
Amor pode pôr altifalantes
não adianta, não avisam
o caminho, a enxurrada. Bicicleta.

Mas se bem amadurece
água com açúcar, dá papaia
e o amor no máximo gasta

cáries nos dentes dos miúdos.
Sabe bem, alisar demais
nunca fez gastar o viço
nem dos pelos
do gato que te oferto no Natal
e em seu salto matutino
sobre nossos corpos
desconhece o puído da vida.

O amor nos lambe áspero
constrói-nos olhos, digo
para ver pontes o amor
abre as portas. Cria.
O imaginário é meu armário.
Onde encontro os potes de massa
ao redor das pilhas enferrujando
na caixa de sapatos
junto das fotografias
enrolado numa manta
o amor, raro. O amor
tira o cavalo da naftalina
gira e grita
grita e guia.

XI

Temes a noite onde os nomes não se registram nos radares
e as palavras como joelhos afastados pela mão de outro
são caixas-pretas boiando no mais marinho dos oceanos.

Um avião cruza os ares em direção a um batizado.
É o seu eco que cola as sílabas umas às outras
rejuntes de significado, amálgamas do esquecimento.

Se só pensas em assentar as mais corretas maneiras
de permanecer, feito cal, espalhado pelas espáduas
trêmulo cimentado teu coração, um canteiro de plantio
para as alfaces – soníferas e insípidas – do cotidiano.
De ti, só poderei aceitar atrelar-me, como um mexilhão.

Agora sou na tua rocha. E de mim se aproxima outro,
que os passageiros não alcançarão. Age antes de querer
com todos os olhos de quem nunca tinha tocado bivalves
sem enciclopédia ou Discovery Channel
feito um miúdo se maravilha, ama as pérolas,
sabe bem mastigá-las com os dentes até parti-las.

Como eu, um dia, também contigo, tentei.

XII

Acordei em Lisboa com o barulho de abrirem
um lençol molhado no céu
e tentavam arrastar as colinas para o rio.
Ao meu lado desenhavas
as linhas de um mar apavorado
mas grande demais para fugir.

Guardo junto a outros.
Tudo o que me importa.
Há uma caixa ali
do lado esquerdo de quem está comigo
onde estão quantos instantes iguais
gravados nos milhares de fotografias
digitais pelos turistas no mundo agora
e eu. Tão madura, tão rude, inconstante
cinquenta mil doçuras que te apavoram
cinquenta mais cinquenta mil e duas paisagens com uma pessoa em frente.
Ícone, um totem do igual
queimado pelo vermelho do sol.

Ou que quer dizer isso?
Esse lugar que desaparece com uma chuva fria
os quatro dias dados aos combatentes do entretenimento
seus pés que incham, desacostumados a andar
e clicam. Para a tia que ainda existe, uma empregada atenta
tua mão distraidamente na varanda da minha mão.

Como o vento grava em uma roupa
um alvo é só um vulto.
Que quer dizer isso?
Um beijo, dado
mais tarde.

XIII

Quem reconhece a barbárie
quando ela se precipita no show cotidiano?
Virá a barbárie com código de barras ou máscaras?
Hoje eu acordei na televisão dando recados:
deixa, Júlia, a humanidade correr na arena da história.
Sem preço. Levanta a capa vermelha pra que ela passe
como um touro. Digo, sem precipitação:
a humanidade não é um touro cinzento
a humanidade é um jumento, meus caros.
Papai me ensinou este lugar do ou-não.
Sou capaz de ou-não cair neste lugar.
Ou não. Piso muito livre.
Chão, você continua sendo o melhor chão de todos.
Se eu pudesse fazer da crueldade
minha ternura, te oferecia.
Chão, sinceramente, me sinto lisonjeada pela tua presença.
Se me dizes luto, me diga estrela
que eu pulo no jardim
entre um cervo e um jacaré
vejo a minha sombra e grito:
só quando estou na Europa:
Hölderlin? Tá falando com ele.

Alforria blues

Este livro é inédito
tipo a vida. Quem o escreveu
fui eu
que sou o espatifado do possível
coração.
Sempre sei que vai durar
mas o meteoro me enriquece.

Atravesso a explosão aos poucos
ponho a correspondência
em dia.
Nossa luz: estou cega —
percebo assim — primeiro
os objetos todos voam por cima
como se fossem me entregar um presente que já chegou
fico observando
os seres que vieram viver dentro dos fios do meu cabelo
— têm ritos, são estrelas.

Nasci de olhos abertos então fechei
fechei até não poder mais
a primeira planta que comprei em Portugal se chama
comigo-ninguém-pode
a segunda foi
brinco-de-princesa.
Acaso, te juro, as duas somadas dão o conhecimento da minha pessoa

diariamente
há
algo
muito
em aberto
na minha
vida
muito
em grande
e é
como
se eu
sentisse
o bafo
disso
um bafo
de estrela, diariamente

Como eu faço pra ter aquilo que já tenho?
Se é gratuito, amor.
Ter uma língua, abrir-se.

O elogio daquela elegância que só o movimento tem
de ceifar o que não é.
Todos aprendem a ruir
sem serem capazes para tanto.
Mas estou revirada de encontros.
E não cogito mais servir ao medo.

Reconheço-o em mim como um animal ferido, o medo.
O medo é aquele que não sabe por onde ir em mim.
Está entorpecido de sono e tenta me excitar dizendo:
precaução: mulher. Me diz até que não tenho mais um eixo
onde as coisas cintilam por si.
Mas eu sei que a bomba na mão que tenho sou eu
que refaço a programação rítmica da minha destruição
e determino a enseada, a encruzilhada, a imaginação
que não são minhas, nem de ninguém.
Feito o trovão. O poema vem como um cavalo.
Ele é o céu.

E quem quiser falar no meu poema seja alguém de crença em coisas como
os primitivos que carregam por toda parte o maxilar inferior de seus mortos
gritar para além da loucura terrestre.

E quem teme o excesso tem por destino o excesso
há uma revolução em mim e tudo que acontece me comove
pela superfície
penso o destino como um queijo suíço
pra mim é suficiente. Técnica e furo.
E hoje não pode escurecer.
Estou muito distante dos navios que me queriam levar
mas tenho os homens no coração
sem que ninguém caiba aqui comigo.
Lembro que uns anos atrás escrevi que as novas pessoas da minha vida
tão importantes tinham o mesmo nome
o que faz das coisas que me acontecem agora

não tão novas, as coisas que me acontecem agora
e nem o de antes, nem o pra depois, dão sabedoria que baste
para entendimento e cargo
talvez a juventude de um broto que estoura
o caule forte da tua alegria, isto sim, ensine
somos tão férteis, meus amigos,
estão, estarão todos notando a massa de dispersão do azul?
É o sangue do alazão.
Quem já viu o encontro do rio Negro com o Solimões
(eu vi no Google)
sabe que estou falando de amor. O amor é um pássaro que vem nos ver.
Escrevo sem parar que é pra amanhã não ter ideias.

A morte é uma sorte dos meus ancestrais, eu ainda não a tive.
Não sei avisar a órbita dos planetas pra que parem.
Noite dessas pari um acaso danado, depois percebi que era só a rua
me deixando
passar.

Já sou poeta e não sei já.

Privando de realidade o pensamento e de sentido a ação.
Indo de costas para o que nada significa.
No princípio era a dança e era a caça.
E me poupem do barbarismo afetivo e frouxo desta geração.
Hoje não pode escurecer.
Espero que essa sorte dure até o apocalipse.

XIV

Levantei-me com o cavalo
os perigos da solidão a dois
um sonho que não sei contar

não rolo mais entre as pedras
dos sentidos, sou pelo vento,
pelo sopro tua voz me ilumina.

Um coração que não tivesse centro.

XV

Vertigem viva a raiz vigia
magia! Que já não tenho mais
como dizer sem nós nos dedos
é Ana — assumo
quem me ensina
a nascer

de novo, dançar de amor,
até sem ti, menina errada,
Ana do riso

teu risco
foi discernir, diferir
embriagar a autoridade de espelhos
coração sem periferia, cansa
Tanto que definir
azul
várias vezes te escape
azul
mulher
partida
coisas que nos combinam
em gesto. E regresso.
Embora — cada vez mais — eu goste
de branco
e vermelho
de homem.

Meu verso é nossa declaração.

Ana, menina altera,
toma a minha boca, fera,
fere pelos dedos
o tempo em que fazias destas comigo.
Hoje eu, toda latifúndio do meu campo,
Se temo, travo no bolso o trevo que tenho
mastigo entre os dentes.
Me digo: caminha, anda.
Anda com Ana a errante
entre os dedos dela: canta!

Tua ausência fertiliza
o importante
É não baixar a cabeça
nem erguer demais
os gritos por dentro
Nem são indiferentes
erros e acertos, Ana
nossa!
se pudesse te embalava
a revolta pra fora.
Como numa fossa
acende o fumo
na vitrola dá a corda
se toca
talvez a agudeza de tudo
talvez a agulhada de tudo

não era pra deixar tão só.
Não sejas tão tua
viga de uma figa

Ana agitada
viva! *Dans mon île*
seja minha bossa
sem tontura, dança?
Salsa ou valsa
dá banana!
pra tortura que é do mundo
Nossa resposta passa variada
agarro quanto possa a varanda
porque também, Ana seja!

Eu voo! por ter te escrito.

XVI

Desde os dezesseis anos estou neste estacionamento.
Viagens, lustres, dinheiro: nada: se fecho os olhos o que vejo são vagas.

Não me balizaram. Fui eu mesma
vim viver aqui, não acredito mais, neste ângulo entre paredes.

Esperava deste parque aquele por quem a vida corria.
Ir com ele. Como um cometa,
uma pedra que me arrastava do centro, toda lançada,
natural como as baratas que sobrevivem desde os dinossauros.

Um arco e duas flechas. Sismo veio
todo o mundo do juízo, todo o meu poder de confissão.
Encontros de concreto, folhas de eucalipto caindo, putrefação.

Do que restou interessa a voracidade da alegria
um falar mais honesto emergirá na superfície
a pérola homem que cresce por dentro das ostras, das minhas coxas
transtorna o cotidiano
que vivia feito um pombo preso no túnel e depois alcançou a plataforma do metrô.

Mas os pombos não migram e prendem nas patas as linhas das pipas.
Do emaranhado solto o medo no meio e desfaço a tua relíquia.
Não é a primeira vez que lanço um pássaro sobre ti.

XVII

Lavei as cortinas de veludo azul.
Dei meu armário pra um desconhecido
que estava dentro de casa quando cheguei.
É que eu não moro mais aqui.

Virei a cara pro poema
atravessando a rua me atropelou.
O silêncio vindo vinha
vindo e me pegou.

A mera aparição do imprevisível
me deixa contente.
Mastigo um troço de cascalho
e nunca quebro um dente.

Entre meus punhos cresce uma raiz
e eu fecho os olhos pra que ela cresça.
Ela ensina quando comem os cavalos
que toda urgência desapareça.

Arar só sei o mar, do campo
talvez eu procure os besouros
tanto no meio do arbusto
que acabe virando um

Terracota em rosa
onde desde criança
perco encontro
acho, sou.

XVIII

Saber das coisas não sei
não. Tanto
que tua voz entrecortada
pelo vento
parte em raio
cúbicos de pele
mãos, ossos, rastros
pra indicar o caminho
não tenho planos
dons nos bolsos,
não. Só raízes.

O raio abre
o tronco em dois.
Da metade árvore
nasce um deus
de patas firmes.
Doce cavalo, peço
com a tua língua impura
por onde passar
tece e cicatriza
a folhagem, tremor.

Para o meu pai

A poeta subiu o monte
olhou para os lados
e se viu rodeada
por capins.

Munição

Imagine um mundo onde tudo é começo.
Agora imagine o começo desse mundo.

Dentro de toda lacuna - - - não sei bem onde é que vivo, esse lance tão mútuo é capaz de me causar vertigens: como um cavalo que prende nos dentes a corda que leva outro cavalo e pula, puxando-o pelas barreiras os joelhos levantam o suficiente — ele pensa que seu companheiro está morto — mas ele estava enganado. Meus senhores, os cavalos também se enganam e este cavalo — o começo — embora estivesse lúcido não havia percebido que era a corda que ele agarrava pelos dentes que o puxava, não o contrário. Ambos, vivíssimos, saltaram as barreiras e alcançaram o começo do começar.

Estou bem aqui

Passei o dia desenhando sobre o Sr. Fernando Pessoa.
Estou tentando alguma coisa honesta que acabe enfrentando as coisas.
Porque há fantasmas demais neste mundo.
E os nossos motivos fazem as coisas não funcionarem.

O Sr. Fernando Pessoa gosta imensamente de mim e garante que o Sr. Ricardo Reis teria gostado imensamente de mim se tivéssemos nos conhecido na temporada em que vivemos respectivamente em nossos países trocados.

O Sr. Fernando Pessoa, por mais que tentasse, o Sr. Fernando Pessoa não acordava diariamente e pensava Sou Português ao comprar pequenas coisas e discutir trocados. O Sr. Fernando Pessoa, se lesse a minha língua, pensava.

Não sei o que o Sr. Fernando Pessoa consideraria ao saber que nenhum brasileiro ao ouvir “o brasileiro” pensaria em algo além do povo ou de um indivíduo, e que nunca (a não ser a viver em Portugal), nunca pensaria que “o brasileiro” pode se referir ao idioma falado no Brasil. Será que o Sr. Fernando Pessoa, em seu escondido sem profundidade, sentiria uma ponta de orgulho por saber que falamos (nós?) português?

Ao Sr. Fernando Pessoa erguem-se monumentos — os monumentos ao Sr. Fernando Pessoa.

Também estimo o Sr. Fernando Pessoa e faço votos para que o Sr. Fernando Pessoa encontre o Sr. Fernando Pessoa a cantar com o Sr. Fernando Pessoa

enquanto bebe um café com o Sr. Fernando Pessoa vestindo uma camiseta do Sr. Fernando Pessoa e pense Ah! Bom mesmo era o Sr. Fernando Pessoa.

O Sr. Fernando Pessoa foi português.

XIX

Um mal-entendido faz-te de cada jeito.
Lembro dos cachorros que escapavam
iam viver na rua de cima, sem asfalto.
Menos me assustavam as ausências
mas sim deixar a casa para trás
e se entregar ao caminho
que tinha uma vala tão grande na curva.
Os cães voltavam caramelos como o chão
e se eu ia lá chamar, mordiam-se as orelhas.
Às vezes tinha que atirar cascalhos,
fingida lançava, dissimulava pedras
pra que eles corressem de mim.
Foi o modo de ficarmos juntos.

XX

Seja lábio, lanterna
adivinha o meu nome
no céu, homem.

Treme não. O astro
é barbárie, insolação
rosto sem face. Mas

o mar quando escreve
é um coração
que não tivesse centro.

Que fosse capaz
o mar de te deixar
mesmo se, não deixava.

Vingava os olhos
de tanto ver mexer
pra te morder

a onda que abraça
a galáxia ri
muito branca.

XXI

O céu que nos prometa um ano bêbado
sem por enquanto
um ano que diz ENTÃO MOSTRA
e sacode feito leite as tetas que caem
são nuvens
de uma chuva dramática e sem aprendizagem.
Eterno ser sem se apropriar
da impossibilidade de organizarmos
em formas calmas, permanentes, necessárias
tanto você como também eu
ou nós podemos pular e estaremos no alto
através dele, este céu que nos promete
Sou eu o messias e anuncio
mais uma rodada de anos
bêbados.

XXII

O cosmos é alérgico, mas não se sabe a quê.
Quando espirra é de onde cria o dia a dia.
Então, a poesia.
A poesia te obriga a lavar o camarim de deus.

Hoje fui ao supermercado.
Eles vendem anjos naqueles *frezers*; congelados.
Os anjos ficam lá dentro, fascinados pela luz branca.

Cansada de tanto registro e pouca edição
a poeta então sobe
dez metros
cintila e EXPLODE.

XXIII

Enquanto ele fala sobre um furacão e a força repentina que é nascer
eu ouço. Ao seu lado o tempo, penso, passa em mim
como uma poça de água parada
por onde atravessou um caminhão.

Não sei pra onde
dizem vão
essas placas abandonadas
nem porque elas ficam assim
penduradas.

Ninguém salva ninguém de si mesmo
brinca de farol, no máximo
neon das estrelas do coração.

Ele abre a janela e sorri
como o vento mostra os dentes do cavalo.
Não olha assim, amor,
depende tanto tudo, não esquece.

XXIV

Então olhei pro mar e disse:
tua umidade não me impressiona
as cavidades do meu corpo
contigo dividem
a salina memória do futuro.
A começar pelo coração
granito da tua sístole-diástole
o recorte verde onde acaba a praia
e recomeça o teu dia a dia.
Sou incapaz de assustar o caminho de alguém
mas tão facilmente
vou ferir a fera que vive em ti.
Posso fazê-lo em sonoridade.
Mergulhar
dentro do meu tórax
vivem canivetes que te assaltam
quando respiro
o amor que não me dás.

XXV

Quem fundou esta cidade
foi fundo o suficiente?
Quem veio por aqui primeiro
será que eram dois ou vinte ou duzentos
estavam armados
com mais fome do que fé?
Calcularam pelos astros
Ou vinham tranquilos
gestantes do acaso
nem se noticiaram a notícia da nova povoação
foram percebendo aos séculos que ficavam, dias
após
que a cada noite dormiam
todo solo tem um ímã que nos puxa ou repele
Ou a cada noite dormiam mais tarde
de tão próximos uns dos outros que estavam
começavam a se identificar uns com os outros
até que de outros viraram os mesmos
um povo, uma língua, uma situação,
porque tinham tanta noite por fazer e por falar
Que brigavam
por honra e tédio,
nasceu a cidade.
E bebiam vinho?
E comiam batata?
Só muito mais tarde amuraram

Notaram que o cume os defenderia?
Ou subiram pelo esmero da montanha
e as lavadeiras reclamariam
de ter que viver ao topo e descer dia a dia,
Ou naquele tempo as pessoas de nada reclamavam
ou ainda não havia lavadeiras
porque eram nômades e todos faziam de tudo
ou porque nada limpavam
Ou porque passavam o dia a se lavar
gostavam da água, chapinhar, boiavam imensos
abraços no rio, bolinhas pelo nariz
e sempre muito limpos cheiravam uns as partes dos outros
Com o mesmo amor de quando te olho de cima, cidade,
notaram que você nem sempre esteve aqui
embora esteja e estará por mais tempo do que eu,
Não se devem comparar casas com homens, ruas com homens
mas eu comparo tudo com homens
e por vezes escolho as casas, os homens, as cidades
mas quase sempre estou vendo a cidade por dentro dela demais
e todo mundo sabe que um coração é um labirinto de monóxido de carbono
que o digam os centros das nossas cidades
Os centros das nossas cidades já não fedem a estrume
embora neles floresçam outras pestes
e enquanto olho atenta cidade por cima
dá um vento aqui — é tão alto — e meus ossos doem por dentro.
É inverno e o inverno nos enche de frio, de dúvidas e de ossos
De se quando chegaram nesta cidade
os primeiros habitantes

muito antes de ser uma cidade
muito antes de haver habitantes
quando lá descansaram — porque ainda não era
aqui — a cidade não lá começou perto do rio? —
um homem e uma mulher se comeram
— como nós também — é inevitável —
encontraremos cidades por fecundar.

XXVI

Olhos que em terra firme pousaram
olhando pra cima perguntaram
Quem te ama, céu? Não te sentes só?
Sem nenhum abraço?

Que a alma das montanhas é solteira
faz sentir aquele cheiro fresco
das ervas que são pisadas
pelo caminho.

Ali havia uma vela acesa
e todas as anêmonas
já tinham secado ao sol de abril.

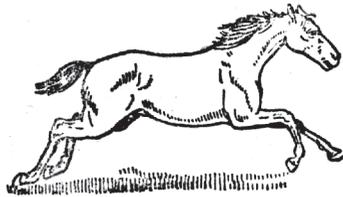
Entre as algas misturaste a cabeça.
E do sal empedrando teus cabelos
nasceram os pontos cardeais.

Trilhado pássaro, visita-me
me despe das pragas
sei que vou crescer
não me vigia.

Um dia meu amor será
os ossos do mar.

- I Como não sei onde vamos morrer 13
- II Meus lábios estão partidos e acho que me apaixonei 15
- III Espero a hora de dizer: o jeito que te vejo vivo em mim 16
- IV Naquela época eu acordava mais cedo do que eu 17
- V Ver até passar 23
- VI Lembro da primeira vez que consegui ler um *outdoor* 24
- VII Sou apenas um cavalo 26
- VIII O que eu acho que estou querendo agora é tão delicado 27
- Galope 29
- Catástrofe em Paris 30
- Agora mais sentimental 31
- IX Passo a manhã calculando a provável altura de um *tsunami* 32
- X O amor gasta 33
- XI Temes a noite onde os nomes não se registram nos radares 35
- XII Acordei em Lisboa com o barulho de abrirem 36
- XIII Quem reconhece a barbárie 38
- Alforria blues 39

- xiv Levantei-me com o cavalo 43
- xv Vertigem viva a raiz vigia 44
- xvi Desde os dezesseis anos estou neste estacionamento 47
- xvii Lavei as cortinas de veludo azul 48
- xviii Saber das coisas não sei 50
- Para o meu pai 51
- Munição 52
- Estou bem aqui 53
- xix Um mal-entendido faz-te de cada jeito 55
- xx Seja lábio, lanterna 56
- xxi O céu que nos prometa um ano bêbado 57
- xxii O cosmos é alérgico, mas não se sabe a quê 58
- xxiii Enquanto ele fala sobre um furacão e a força repentina que é nascer 59
- xxiv Então olhei pro mar e disse 60
- xxv Quem fundou esta cidade 61
- xxvi Olhos que em terra firme pousaram 64



Em papel Munken Pure 240 g/m², a capa deste livro foi feita na tipografia d'O Homem do Saco (Rua do Saco, 42, Lisboa), e o miolo, composto em Goudy Oldstyle, foi impresso na gráfica Europress (Rua João Saraiva, 10A, Lisboa) em papel Coral Book Ivory 90 g/m². A tiragem de 500 exemplares ficou pronta em abril de 2013, ano no qual se completam, respectivamente, 161 e 155 anos das primeiras greves operárias feitas em Portugal e no Brasil, ambas realizadas por tipógrafos. Há 292 anos ficava pronta a impressão dos oito volumes do *Vocabulário* de Bluteau e faz 37 anos que *Geraes*, de Milton Nascimento, foi lançado. Neste mesmo ano que corre, a metamorfose de Gregor Samsa completa 98 anos e o telescópio Hubble, 23 anos no espaço. Ano 457 da deglutição do bispo Sardinha, 2013 também é o ano no qual Jean-Arthur Rimbaud completaria 159 anos. Completam-se também 435 anos do desaparecimento de Sebastião de Portugal e 76 anos do de Amelia Earhart. Faz 336 anos que Leeuwenhoek observou em seu microscópio os animálculos que chamamos de espermatozoides e 508 anos que Dürer gravou o rinoceronte a partir de relatos sobre o animal, que chegou morto antes de conhecer o papa. O tabaco é fumado na Europa faz uns 500 anos, mas não se conhece a data exata. Sabe-se que a primeira tradução do *I Ching* para uma língua ocidental foi feita há 179 anos, e que data de 479 anos a chegada dos cavalos no Brasil, na vila de São Vicente.

ISBN 978-85-66421-03-3



9 788566 421033

